



A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA ALEMÃ NA FALA DOS BRASILEIROS: ESTUDOS PRELIMINARES

Simone de Sousa Naedzold (EE ENIO PIPINO/UNEMAT, SINOP)¹

snaedzold60@gmail.com

Neusa Inês Philippsen (UNEMAT, SINOP)²

neusa@unemat-net.br

RESUMO: Este texto é resultante de uma pesquisa de cunho sociolinguístico realizada pelas autoras com o objetivo de entender a influência da língua alemã nas variedades linguísticas dos brasileiros. Para isso, selecionamos dois vídeos que circulam na *internet*, que são: *Willmutt contra a dengue* (2008) e *Vila Sésamo: língua alemã* (2010) e foram acrescentados mais dois inéditos, sendo: *Entrevista da migrante alemã sobre alimentação* (2016) e *Entrevista da migrante alemã sobre as diferenças culturais, geográficas e linguísticas entre o Rio Grande do Sul e o Mato Grosso* (2016), para servirem de contraponto às análises. No *corpus*, foram analisados os aspectos sintáticos, morfológicos, morfossintáticos, lexicais e discursivos. Como pressupostos teóricos, usamos conceituações de Seyferth (1993); Oliveira (2005); Otero (2005); Bagno (2007); Gorski e Coelho (2009); Marconi e Lakatos (2011); Hora e Aquino (2012); Boulos Junior (2013); Silva (2013); Hora (2014); Kozinets (2014); Ferrarezi Junior e Carvalho (2015); França, Ferrari e Maia (2016); Gorski e Valle (2016); Redel e Martiny (2016); Soares (2016), entre outros. Os resultados mostram que as marcas da língua e da cultura alemã estão presentes não só entre as comunidades falantes de descendentes, mas no próprio vernáculo do Português brasileiro, e já fazem parte de nossa identidade linguístico-cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Língua e cultura alemã; Aspectos linguístico-gramaticais; Variantes; Português brasileiro.

ABSTRACT: This text is the result of a sociolinguistic research carried out by the authors in order to understand the influence of the German language on the Brazilians linguistic varieties. To developed the study we selected two videos that circulate on the internet: *Willmutt against dengue* (2008) and *Sesame Street: German language* (2010). We also included other two unpublished ones, to serve as a counterpoint to the analyzes: *Interview with a German migrant about food* (2016) and *Interview of a German migrant on the cultural, geographic and linguistic differences between Rio Grande do Sul and Mato Grosso* (2016). In the corpus, the syntactic, morphological, morphosyntactic, lexical and discursive aspects were analyzed. As theoretical assumptions, we use concepts from Seyferth (1993); Oliveira (2005); Otero (2005); Bagno (2007); Gorski and Coelho (2009); Marconi and Lakatos (2011); Hora and Aquino (2012); Boulos Junior (2013); Silva (2013); Hora (2014); Kozinets (2014); Ferrarezi Junior and Carvalho (2015); França, Ferrari and Maia (2016); Gorski and Valle (2016); Redel and Martiny (2016); Soares (2016), among others. The results show that the marks of German language and culture are present not only among the speaking

¹ Professora na Escola Estadual Enio Pipino em Sinop/MT, Brasil. Pesquisadora Mestranda do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, Câmpus da Unemat Sinop. snaedzold60@gmail.com. Agradeço a CAPES pelo fomento em forma de bolsa para realizar o curso de mestrado que tem proporcionado estudos e possíveis publicações.

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLEtras) e do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Sinop). Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: neusa@unemat-net.br



communities of descendants, but also in the vernacular of Brazilian Portuguese, and are already part of our linguistic-cultural identity.

KEYWORDS: Sociolinguistics; German language and culture; Linguistic-grammatical aspects; Variants; Brazilian Portuguese.

Introdução

Neste texto nos propomos a refletir sobre as variações linguísticas da língua portuguesa, especificamente no que se refere à influência da língua alemã no léxico, na sintaxe, na morfologia e no discurso. Além disso, buscamos, no histórico de imigração alemã e na cultura deste povo germânico, entender como essas mudanças linguísticas são introduzidas no falar e no agir do brasileiro, ou seja, queríamos saber se há e quais contribuições para o desenvolvimento de capacidades básicas de comunicação a língua alemã propicia e, em havendo, de que forma influencia a fala, a leitura e a escrita de brasileiros descendentes de alemães ou não.

Nossa pesquisa delimitou-se a estudar as influências da língua alemã na fala dos brasileiros, mas esta delimitação não se fecha em si mesma porque muitas outras línguas e dialetos influenciaram, do mesmo modo, para que houvesse distintas variações.

Nos subtítulos em que este texto está dividido, encontram-se as informações que expõem as nossas leituras, pesquisas e análises sobre a temática proposta. Assim, começamos trazendo, de modo geral, contribuições que esclarecem como se deu o início da imigração alemã para o Brasil e como os povos advindos da Alemanha mantiveram sua língua e sua cultura nas adversidades.

Em seguida elencamos as contribuições da sociolinguística e direcionamos nosso olhar para a abordagem metodológica, apresentação e análise dos dados. No tópico seguinte, elencamos variações fonético-fonológica, morfológica, sintática, morfossintática, lexical e discursiva e as correlacionamos com os dados encontrados nos quatro textos – *corpus* em análise (T1, T2, T3 e T4). As tessituras analíticas foram feitas a partir de pressupostos teóricos convergentes com os fenômenos linguísticos em análise.



Para finalizar, realizamos as considerações finais e elencamos as obras que nos permitiram entender melhor os fenômenos pesquisados.

A imigração

As imigrações (da Alemanha para o Brasil) e também as migrações (principalmente dos estados do sul para as demais regiões do país) dos povos vindos da Alemanha promoveram diferentes marcas linguísticas na fala e na escrita dos brasileiros.

Tanto os brasileiros quanto os imigrantes alemães mudaram sua estrutura linguística para se adequarem ao meio e provocaram mudanças interlinguísticas (de uma língua para outra) e intralinguísticas (na sua própria língua), tanto de forma ontogênica (ao longo do desenvolvimento de um ser da espécie/do nascimento à morte) como de forma filogênica (ao longo do desenvolvimento da espécie/de geração para geração).

As variações linguísticas, de modo geral, são usadas para marcar diferenças linguísticas nas pessoas. Pelo modo de falar, e sendo conhecedores de diferentes variações linguísticas, podemos determinar a região geográfica do falante, sua origem social e até seu grau de instrução.

Mas estas variações também servem para (des)qualificar pessoas e é neste ponto que deve começar um trabalho de intervenção da escola e dos professores. Muitos humoristas, por exemplo, se aproveitam dessas diferentes formas de falar para ridicularizar o falante, ou para chamar a atenção sobre algum traço característico de sua origem ou condição social. Sobre esta temática, Marcos Bagno (2007, p. 210) alerta-nos que “Rir das formas variantes é muito fácil e sempre foi um recurso utilizado pelas pessoas, sobretudo por humoristas profissionais, para desqualificar os outros e arrancar risos da plateia – sucesso garantido”. Por que isso acontece? Porque desde sempre as características linguísticas dos falantes são as mais usadas na vida social.

Toda e qualquer situação de comunicação exige que usemos a fala ou a escrita, ou ainda os gestos, e em quaisquer delas nossas origens geográficas e sociais vão aparecer. E nossos ouvidos e olhos captam o que é diferente nos outros, geralmente. Quando



ouvimos alguém falar “tenque” e “antanto” por “dengue” e “andando”, olhamos, buscamos entender o que acontece linguisticamente. Mas é que nesta situação ninguém vai dizer “Olha, a pessoa faz uso de traços linguísticos da língua alemã”. A primeira intenção é a risada. Às vezes a pessoa que ri ou faz piada, ou alguma observação imprópria, nem tem a consciência que está ouvindo uma variedade linguística, mas acha engraçado e ri. Há casos (muitos) em que aquele que faz piada também faz uso de uma variedade linguística, diferente das variedades de prestígio, de acordo com Bagno (2007).

Como professores, devemos nos preparar para lidar com diversas situações em sala de aula. Primeiro, entender que também falamos variedade(s) linguística(s) e esta(s) podem não ser a(s) prestigiada(s). Conforme Magda Soares (2016, p. 30), a partir dos anos de 1950 “decorre grande ampliação do acesso de alunos à escola, e de alunos pertencentes às camadas populares, socioeconômicas e culturalmente diferenciadas das crianças provenientes das camadas privilegiadas que até então povoavam a sala de aula”. Portanto, esta realidade, a de não ter acesso à escola, foi a encontrada pelos imigrantes no século XIX.

Como os imigrantes alemães começaram a chegar ao Brasil a partir de 1818 (Bahia) e 1824 (São Leopoldo, RS), em todas as regiões vamos ter descendentes dos povos germânicos e muitos ainda guardam traços que irão aparecer na escrita e na fala. Essas variantes podem ser usadas para enriquecimento vocabular e linguístico ou como motivos para chacotas, vai depender do olhar e das ações do professor e da escola. Neste sentido, Marcos Bagno (2007, p. 210) afirma que “Mais raro, mais difícil – porém muito mais importante para o convívio democrático e para a construção de uma ética cidadã – é investigar os fenômenos de variação e mostrar que eles têm uma razão de ser”.

Outro fator que também promove mudanças são as demais línguas faladas no Brasil. Bagno (2007, p. 127) esclarece que

Além das [línguas] indígenas [tikuna e guarani, principalmente], convivem com o português brasileiro quase 20 línguas de origem europeia e asiática, trazidas pelos imigrantes que se estabeleceram no Brasil desde o início do século XIX, logo após a independência (1822).



Na região Sul e Sudeste, se destacam os descendentes de alemães e italianos, falantes de diferentes dialetos, alguns deles hoje desaparecidos nos territórios europeus de origem, como o pomerano, que sobrevive unicamente em áreas do Espírito Santo e em localidades da região Sul.

As características dessas línguas também se incorporaram e incorporam ao falar das pessoas de diferentes regiões e promovem constantes movimentos na escrita e, principalmente, na fala.

Imigração e cultura alemã

Em se tratando de imigração, conforme Redel e Martiny (2016, p. 200), 1818 foi o “ano em que a imigração alemã para o Brasil foi oficialmente liberada na Alemanha”. Bahia (1818) e Rio de Janeiro (1822) foram os primeiros estados brasileiros a receberem estes imigrantes, mas este projeto não gerou muitas esperanças. Um dos motivos: o clima. Deste modo, conforme estas autoras (2016, p. 200), “o projeto de imigração alemã só foi concretizado com a colônia de São Leopoldo, em 1824, na qual predominou a instalação de alemães que migraram da região do *Hunsrück*, do Sul da Alemanha: na época uma das regiões mais pobres do país”. Eles chegaram ao Brasil em 24 de julho de 1824, data em que se comemora o Dia do Colono.

Assim, os alemães começaram a emigrar para o Brasil em 1818, diminuíram a imigração em 1830 e a retomaram em 1845. Nessas duas décadas, a maioria dos que imigravam era da Prússia. Vir para o Brasil era um bom negócio, pois, segundo Seyferth (1993, p. 10), “os alemães eram considerados bons agricultores, imigrantes ideais para povoar vazios demográficos no regime da pequena propriedade”.

A imigração era uma vantagem realmente. As pessoas advindas de outras terras sabiam manejar muito bem muitos tipos de ferramentas que eram usadas para a agricultura, além disso, tinham capacidades na limpeza e curtição de couro, na fabricação de calçados e alimentos. Seyferth (1993, p. 2) esclarece que “a ênfase na imigração alemã durante o Império tinha relação direta com os interesses brasileiros de instalar no país



agricultores livres, "civilizados", em regiões não ocupadas pela grande propriedade, sob controle do Estado". E que havia um perfil, ainda de acordo com Seyferth (1993, p. 2), para se criarem as colônias brasileiras: "os imigrantes foram assentados em áreas de floresta, a demarcação de lotes acompanhando os vales dos rios. Em todas elas houve a formação de sociedades camponesas com a economia baseada na pequena propriedade familiar policultora".

Apostar na imigração europeia fez uma grande diferença para o Brasil colônia em muitos sentidos. Mas é interessante lembrar, em consonância com os estudos de Boulos Junior (2013), que a Europa estava passando por mudanças severas e a organização de um regime democrático já era muito discutido. A participação popular já havia iniciado e muitos alemães já vieram conhecendo os ideais da Revolução Francesa (1789), quais sejam: igualdade, fraternidade e liberdade. Alguns eram alfabetizados, muitos provavelmente já tinham conhecimento da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789) e também conheciam a realidade do entorno, pois, em 1805, a Áustria, a Prússia e a Rússia estavam sob domínio de Napoleão Bonaparte.

Este cenário europeu veio junto com os imigrantes que fundaram grandes cidades e começaram a movimentar o país. Diante da nova comunidade, os alemães constituíram associações e iniciaram a organização do lugar em que agora moravam, junto a isso, declara Seyferth (1993, p. 11), "A participação política, portanto, foi sistematicamente reivindicada como parte da cidadania, independente da etnicidade, numa conjuntura histórica internacional e nacional desfavorável a qualquer tipo de pluralismo étnico". Havia, por outro lado, um movimento do imigrante em manter-se longe dos povos da cidade. A pesquisadora Seyferth (1993, p. 2) mostra também que

[...] as colônias alemãs, mesmo quando situadas geograficamente próximas das capitais provinciais, ficaram um longo tempo social e espacialmente distantes da sociedade brasileira - isolamento relativo, que contribuiu para o fortalecimento de uma consciência étnica coletiva estruturada pelo próprio processo histórico de colonização.

Nem todos se mantiveram em São Leopoldo. Seyferth, (1993, p. 2) afirma que



De qualquer modo, os imigrantes de origem alemã se dirigiram preferencialmente para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina e, depois, também para o Paraná. Com exceção de São Leopoldo, todas as colônias importantes foram fundadas na segunda metade do século XIX, entre elas Blumenau (1850), Joinville (1851), Brusque (1860), São Bento do Sul (1871), Hansa/Ibirama (1899) etc., em Santa Catarina; Rio Grande do Sul, após 1845, partindo de São Leopoldo, os alemães se estabeleceram em quase uma centena e meia de núcleos coloniais (cf. Pellanda, 1925), espalhados pelos vales dos rios dos Sinos, Jacuí e Caí, e depois nas bacias dos rios Taquari e Pardo e, na última década do século passado, chegaram à região do rio Uruguai onde, entre outras, foram fundadas as colônias de Ijuí (1890) e Nova Württemberg (1899).

Vale ressaltar que, nos primeiros 50 anos de colonização alemã, a situação não foi nada favorável. Os que se estabeleceram na Bahia (1818 e 1822) e no Rio de Janeiro (1819) sofreram com o clima e doenças tropicais; os que foram para São Leopoldo (1824) tiveram mais sorte com o clima, mas mesmo assim sofreram com a falta de estrutura básica. Seyferth (1993, p. 4) mostra-nos que, em princípio, este processo “[...] se caracterizou pela desorganização, quase sempre provocada pela falta de recursos públicos para os assentamentos: estava longe da perfeição estabelecida na legislação e nos planos traçados no âmbito do Ministério da Agricultura”.

Mas, como estavam aqui, os colonizadores resolveram apostar na nova vida, na valorização mútua e na manutenção da língua e da cultura alemã, uniam-se cada vez mais e mostravam sua etnicidade. Deste modo, promoveram, de acordo com Seyferth (1993, p. 4),

[...] a elaboração de uma forte organização comunitária que, por sua vez, serviu de respaldo ideológico a um dos temas preferidos do discurso étnico: o "trabalho alemão". Associações assistenciais (religiosas e leigas), escolas comunitárias ou ligadas a ordens religiosas católicas ou à igreja luterana, diversas sociedades culturais e recreativas, o uso cotidiano da língua alemã, além de todo o complexo econômico e social originado da colonização com base na pequena propriedade familiar, deram feição própria às colônias, distinguindo-as da sociedade nacional.

Ligados à educação, como bem primário, e percebendo a falta de estrutura brasileira como um todo, além de se unirem na labuta diária, uniram-se também na educação e criaram a escola alemã, na qual se ensinaria a língua e a cultura. Com relação a este aspecto, a autora (1993, p. 5) esclarece ainda que

A "escola alemã", por exemplo, veio suprir uma lacuna - a falta de escolas públicas em número suficiente para atender à demanda, mas também contribuiu bastante para a preservação do uso cotidiano do idioma alemão. Enfim, as "colônias alemãs" (para usar uma expressão consagrada) estabelecidas em frentes pioneiras, em áreas restritas, no final do século XIX formavam uma sociedade e uma cultura realmente teuto-brasileiras, associadas ao complexo colonial (segundo conceito de Azevedo, 1982) - e é sobre essa especificidade que a etnicidade será formalizada.

No entanto, é importante observar que a imagem do colono alemão nem sempre é vista como positiva. Para Seyferth, (1993, p. 7), “O pioneirismo dos colonos, a eficiência do colonizador teuto, são contrapostos a uma imagem estereotipada do brasileiro rural, desqualificado como caboclo por todo um conjunto de características desabonadoras, remetidas a uma condição de inferioridade racial”. Essas imagens estereotipadas também aparecem no modo de falar. Cabe evidenciar, contudo, que mesmo aqueles que não possuem o alemão como língua materna, pela proximidade e convívio, acabam desenvolvendo e incorporando traços linguísticos inerentes às variedades alemãs.

Sociolinguística

Este texto está embasado nos pressupostos teóricos da linguística e da sociolinguística. Segundo Silva (2013, p. 11, grifos da autora), “A **linguística** é a ciência que investiga os fenômenos relacionados à linguagem e que busca determinar os princípios e as características que regulam as estruturas das línguas”. A sociolinguística, por sua vez, segundo Bagno (2007, p. 28), “[...] surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 1960, quando muitos cientistas da linguagem decidiram que não era mais



possível estudar a língua sem levar em conta também a sociedade em que ela é falada”. Deste modo, há mais de 50 anos estamos em processo de estudos dos diferentes modos de falar e das mudanças na fala promovidas por contatos entre línguas. Neste sentido, Bagno (*idem, ibidem*) esclarece que “O estudo da variação e da mudança na perspectiva sociolinguística foi impulsionado sobretudo por William Labov (nascido em 1927), que se tornou o nome mais conhecido da área”.

Redel e Martiny (2016, p. 202), com base nos estudos de von Borstel (2011), elucidam que

[...] há falantes bilíngues alemão/português que só aprenderam o português quando ingressaram na escola, sendo que grande parte deles fala (ou falava) o *Hunsrückisch*, o *Pomerano* e o *Hochdeutsch*, sobretudo o *Hunsrückisch*, que é procedente do Rio Grande do Sul e, em primeiro plano, da região do *Hunsrück*, do Sul da Alemanha.

Muitas pesquisas recentes estão analisando a língua alemã e suas variações, porque, conforme estas autoras (2016, p. 2012), “países como o Brasil receberam uma variedade muito grande de imigrantes”. Neste caminho, muitas variedades se perderam. Percebe-se que muitas palavras, ao serem pronunciadas por imigrantes de diferentes origens, acabaram sendo modificadas, de diferentes formas. No que se refere à língua alemã, Redel e Martiny (2016, p. 2013) afirmam que

[...] os traços da língua alemã em contato com o português, no Brasil, modificaram a pronúncia de várias palavras nessa última língua, acrescentando ou unificando determinados fonemas. Essas variações na pronúncia, muitas vezes, se configuraram em estigmas, caracterizando a descendência alemã, própria dos moradores da região sul do país [...].

É imprescindível, neste contexto, que haja a compreensão de que os fatores sociais são muito importantes e que os mesmos são indissociáveis de fatores linguísticos. Redel e Martiny (2016, p. 200) mostram que “Os estudos sociolinguísticos relacionam [...] a questão linguística à questão social, visando a percepção dos dados linguísticos presentes



na comunidade, que são capazes de estabelecer o caráter heterogêneo da língua, ressaltando [...] a variação linguística”.

A partir de tais estudos, as variações fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, morfossintáticas, lexicais e discursivas são analisadas por muitos pesquisadores. Abaixo, listamos algumas características dessas variações por meio da análise dos dados intrínsecos aos textos selecionados para esta análise.

Apresentação metodológica e análise dos dados

A língua alemã tem origem no alfabeto latino. Possui mais três vogais e mais uma consoante, além das 26 letras do alfabeto, em comparação com o alfabeto da língua portuguesa. As vogais são *ä*, *ö* e *ü*, com o sinal Umlaut, e a consoante é *eszett*, ou *scharfes es*, representada pela letra *ß* e pronunciada com o som de “ss”.

Selecionamos para este estudo dois vídeos disponíveis no *youtube* (transcritos em T1 e T2) e duas entrevistas inéditas (transcritas em T3 e T4), todos de descendentes de alemães que falam português. Estes dois vídeos e os áudios das entrevistas compõem o nosso *corpus* de pesquisa.

O texto 1 (um), doravante T1, *Willmutt contra a dengue*, mostra um humorista paranaense, descendente de alemães, que faz humor acentuando visivelmente as características linguísticas do falar do alemão do campo. Este texto é uma propaganda na qual o humorista orienta as pessoas a se prevenirem do mosquito da dengue. Willmutt iniciou suas atividades como humorista em 2003 e, até 2005, quando veio a falecer, fez apresentações em vários estados brasileiros e no exterior. Segundo Redel e Martiny (2016, p. 204), “[...] quando das suas apresentações, se caracteriza como morador “colono”, atrapalhado, agricultor do interior de MCR³, [...] na faixa dos 60 anos de idade, que possui interferências fonéticas da língua alemã no falar do português brasileiro”.

³ Marechal Cândido Randon.



O texto 2 (dois), T2, *Vila Sésamo: língua alemã*, mostra a entrevista de uma criança de Blumenau, Santa Catarina, sobre a sua vida diária. A mesma falando em português, com traços linguísticos alemães e cantando a canção “O meu chapéu tem três pontas” nas línguas portuguesa e alemã, ambas ensinadas na escola.

O texto 3 (três), T3, é uma *Entrevista de uma migrante alemã sobre alimentação*, e o texto 4 (quatro), T4, é uma *Entrevista de uma migrante alemã sobre as diferenças culturais, geográficas e linguísticas entre o Rio Grande do Sul e o Mato Grosso*, ambos são da mesma entrevistada que mora em Nova Canaã do Norte, Mato Grosso. A entrevista foi gravada em áudio no segundo semestre de 2016, durante o desenvolvimento de uma das etapas da disciplina de *Gramática, variação e ensino*, oferecida pelo Mestrado Profissional em Letras, PROFLETRAS, em desenvolvimento na Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT – Câmpus de Sinop. Observamos que foram vários áudios gravados, destes selecionamos os dois em análise.

Para que pudéssemos realizar uma pesquisa científica, elencamos *a priori* os caminhos que íamos delinear. O tipo de metodologia, de entrevista, como seria a seleção dos vídeos. Abaixo, segue descrito este trilhar científico.

Com relação à metodologia de pesquisa qualitativa, Marconi e Lakatos (2011, p. 269) afirmam que

A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. [...] No método [...] qualitativo, as amostras são reduzidas, os dados são analisados em seu conteúdo psicossocial e os instrumentos de coletas não são estruturados.

Neste contexto, para Kozinets (2014, p. 61), “A etnografia é [...] uma prática assimilativa. Ela está interligada a vários outros métodos [...] entrevista, análise de discurso, análise literária, semiótica, videografia”. E, ainda para este autor, a netnografia (*idem*, p. 62) “[...] é pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online. Ela usa comunicações mediadas por um computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou



comunal”. Anteriormente, Triviños (1987, p. 121), citado por Marconi e Lakatos (2011, p. 270), havia afirmado que “[...] reconhece que a etnografia é uma forma específica de investigação qualitativa, admitindo ser ela referente ao estudo da cultura”. Marconi e Lakatos (2011, p. 275), também se referindo ao método etnográfico, afirmam que “O processo de pesquisa em estudos etnográficos é flexível e não existe um esquema rígido”.

Sendo assim, a entrevista foi usada para colher dados para a nossa pesquisa. E não queríamos qualquer pesquisa, compreendemos que, para responder aos nossos objetivos, a mesma deveria ser qualitativa. Marconi e Lakatos (2011, p. 280) esclarecem que “As entrevistas qualitativas são muito pouco estruturadas. O principal interesse do pesquisador é conhecer o significado que o entrevistado dá aos fenômenos e eventos de sua vida cotidiana, utilizando seus próprios termos.” Para essas autoras (*idem*, p. 281), “O objetivo da entrevista é compreender as perspectivas e experiências dos entrevistados”. Elas afirmam ainda (*idem, ibidem*) que a entrevista despadronizada ou semiestruturada ocorre “[...] quando o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente a questão”.

Segundo as conceituações apresentadas por Ander-Egg (1978, p. 110), citado por Marconi e Lakatos (2011, p. 281), a pesquisa é não dirigida “Quando há liberdade por parte do entrevistado, que poderá manifestar livremente suas opiniões e sentimentos”.

Deste modo, para fundamentar metodologicamente esta pesquisa, baseamo-nos nos pressupostos conceituais da metodologia de pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico/netnográfico, com seleção de vídeos e realização de entrevistas semiestruturadas e não dirigidas. E o resultado desta pesquisa, apresentamos abaixo, inicialmente, as transcrições no subtópico *corpus*, em seguida, apresentamos as considerações analíticas tecidas sobre este *corpus*.



Corpus

T1. *Willmutt contra a dengue.*

Você tá achando que o mosquito ta tenque non vai peká você? Vai sim! Você vai tá ali, namorando, antanto, tranquilu '...'. O mosquito vem avoando e Padau! Ele peka você. A picadura do mosquito é fatal. Ela pode até matar você.

T2. *Vila Sésamo: língua alemã.*

- O meu nome é Ana Paula, tenho sete anos de idade. Eu moru em Blumenau, uma cidade brasileira Fundada por alemãs. Tantu eu como os meus amigos que estudam aqui têm parentes alemães. Aqui na escola eu aprendi a cantar uma música em alemão e em portugueses. Primeiro eu vou cantá em alemão:

Mein Hut, der hat drei Ecken

Drei Ecken hat mein Hut

Und hätt' er nicht drei Ecken

Dann wär' er nicht mein Hut

Agora eu vou cantá a mesma música em portugueses:

O meu chapéu tem três pontas

Três pontas tem u meu chapéu

Se não tivesse três pontas

Não seria o meu chapéu

- Este daqui é o mapa do mundo. Aqui onde é o azul é todo o oceano. Aqui este verde é a tera e onde tem os países que a gente mora. Aqui é a Alemanha onde meu tataravô veio de navio até no Brasil onde eu moro. A minha família veio da Alemanha e a sua veio da onde?

T3. *Entrevista da migrante alemã sobre alimentação.*

- Eu lembro quando a gente era criança

- A mãe fazia cumida e que nois gostava muito, a comida alemon

- Domingo ela fazia sopa de galinha, fazia frango em molhu, batatinha cuzido na água

- I macaron, arois,

- Nois adorava cumê

- I fazia o Chiucrute, fazia o Joelho de porco, era muito gostosu ou o pernil de porco na panela

- Era muito gostosu pra gente cumê. A gente adorava cumê a cumida da mãe, que ela fazia, que era cumida de alemon.

T4. *Entrevista da migrante alemã sobre as diferenças culturais, geográficas e linguísticas entre o Rio Grande do Sul e o Mato Grosso.*



- Viemo morá no Mato Grosso, estranhei muito porque lá no sul a gente falava *eh potrero, ternero*.
- Aqui era pasto, era bezero, e quando a gente não tinha dinheru a gente falava *tava sem dinheru*.
- Aqui eles falava *tô plefadu*.
- Lá no sul falava quando tinha matu, pra roçar assim no pastu, a gente falava *capoera* e aqui é chuquirá.
- Enton é tudo estranhu pra mim essa ... a diferença do sul e do norte, como as falas que nois falava e o povo daqui, como eles falavu.
- Enton eles tinha os custume bem totalmente diferente do sul.
- Eu também estranhava muito porque quando ligavam do Paraná, do Rio Grande pra nois a gente tinha que ir no postinho de telefone, daí o meninu mensageiru vinha chamá, ia lá daí ligava de volta. Era. Aí, era um trabalhu danadu.
- Era muito difícil porque non tinha outra opção. Non tinha, ninguém tinha telefone em casa.
- Enton era só no posto telefônicu pra gente falá.
- E tamém era difícil a gente, a água tinha que puxar tudu com a corda, non tinha luz.
- Tinha luz só de motor. Só até na meia-noite. Daí acabava. Ficava no escuro. Então a água a gente tinha que puxar tudu na mon, do poçu.
- Lavar ropa tudu com água puxada na mon. Era tudo mas difícil.
- Passar ropa com feru de brasa. Não tinha feru elétricu. Tinha, mas non podia usar. Era bem difícil.
- Non podia usar a máquina de lavar ropa porque non tinha energia. Era tudo mais difícil.
- Hoje sim, hoje tá muito bom aqui. Mais o primeru tempu foi muito difícil pra gente trabalhá aqui.
- Só que non me arependo de ter vindo pro Mato Grosso porque foi uma bênçon de Deus pra nois.

Análise dos dados

Variação fonético-fonológica

A fonologia, de modo geral, estuda os sons da fala. Tudo o que se refere à acentuação gráfica, sinais de pontuação, encontros consonantais, vocálicos está em nível de fonologia. Cada letra, consoante ou vogal, possui um som específico. Segundo Silva (2013, p. 24, grifos da autora), “A **fonética** é a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala”. Quando estes sons se alteram na fala, acontecem as variações fonológica ou fonética. Nas diferentes regiões do país e devido aos muitos idiomas, sejam indígenas ou de imigrantes, há uma diversidade de sons para a mesma letra.



Gorski e Coelho (2009, p. 77) explicam que “no plano fonético-fonológico – as vogais /e/ e /o/ pretônicas, como nas palavras “serrado” e “novela”, são pronunciadas como vogais abertas (é, ó) no nordeste e como vogais fechadas (ê, ô) no sudeste e no sul”. E o sociolinguista Marcos Bagno (2007, p. 39, grifos do autor), referindo-se a esta temática, explicita que “a variação ocorre em todos os níveis da língua”. Este autor, para mostrar como ocorre a “variação fonético-fonológica” pede-nos que pensemos “[...] em quantas pronúncias [conhecemos] para o R da palavra PORTA no português brasileiro”.

Iniciaremos nossa análise apresentando o primeiro vídeo: T1 *Willmutt contra a dengue*. Este vídeo está disponível na *internet*⁴. O personagem Willmutt, humorista, apresenta-se com um boné vermelho e uma camisa amarela da seleção brasileira e sua fala refere-se aos cuidados que as pessoas devem ter para evitar a dengue.

O T2 *Vila Sésamo: língua alemã*, também está disponível na *internet*⁵, mostrando uma comunidade de Blumenau, Santa Catarina, e a menina, Ana Paula, de origem alemã é que fala e explica quem é ela, onde mora e sua descendência.

Os T3 e T4 são áudios de uma entrevistada de origem alemã que veio do Rio Grande do Sul para o Mato Grosso.

Nas falas de T1, percebemos que há uma troca de consoantes sonoras por surdas no caso das palavras “tenque”, “peká”. Neste caso, explica Othero (2005, p. 8), ocorre a “Desonorização da obstruinte: é a produção das plosivas, fricativas ou africadas sonoras como surdas. Exemplos: [...] gato [«ka.tu] [g] > [k]”.

Há também a troca da alveolar sonora /d/ pela surda /t/ no *corpus* analisado. Por exemplo, as palavras “namorando” por “namoranto”, “andando” por “antanto” nas falas de T1. Conforme Redel e Martiny (2016, p. 205), “A explicação linguística para essa interferência é que no *Hunsrückisch* [...] inexistente a oposição surda-sonora, levando a ausência dessa distinção em português”.

⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MmMhORxm_MM. Acesso em: 20 nov. 2016.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RKUMzbFXda8>. Acesso em: 20 nov. 2016.

As mesmas autoras explicam que (2016, p. 205) o fenômeno da desonorização /t/ por /d/, /b/ por /p/ “[...] aparece em registros já de textos escritos no séc. XIX, como mostra uma carta de um imigrante de 1897 (escrita em Cruz Alta, RS, em 27/07/1897), onde se leem formas como <dampem>, em lugar de também, e <pastante>, para bastante”. Este fenômeno aparece na fala de nossa entrevistada quando a mesma diz “Aqui eles falava *tô plefadu*”, ao invés de “blefadu”. Esta troca de /b/ por /p/, como vimos, já está registrada há mais de 119 anos entre os falantes de língua alemã. A fala de T4 mostra que a preservação da cultura e a manutenção das características básicas do idioma continuam a disseminar-se.

Outra característica fonética observada é a monotongação. Hora (2014, p. 25-26) explica que “ocorre monotongação quando um ditongo (vogal + glide) é realizado como uma vogal simples, ou seja, a semivogal da sequência é apagada [...] Ex.: c[aj]xa ~ c[a]xa, [...] b[aj]rro ~ *b[a]rro, m[ej]go ~ *m[e]go, m[ej]ga ~ *m[e]ga”. No *corpus* em análise, T3 e T4 falam “potrero”, “ternero”, “dinheru” e não “potreiro”, “terneiro” e “dinheiro”, mostrando que esta variação fonético-fonológica é uma marca desta falante pesquisada.

Esta variação contrasta com a ditongação que encontramos também na base do nosso *corpus* de pesquisa. Segundo Hora e Aquino (2012, p. 1107, grifos dos autores), “No português do Brasil, o autor [Coutinho, 1987, p. 110] chama a atenção para a ditongação na fala, com vogal em posição tônica final de palavras seguida de /s/ ou /z/: *gás ~ gais, rapaz ~ rapais*”. Essas são marcas linguísticas que aparecem em T2, “portuguesis” ao invés de “português”; em T3, “aróis” e não “arroz” e em T4, “nois” e não “nós”. Mostrando que as variações envolvendo ditongação e monotongação podem ocorrer na fala da mesma pessoa.

A escrita alfabética com correspondência trocada pela mudança de som é outro traço de variação fonética que encontramos em nosso *corpus*. Segundo Oliveira (2005, p. 50, grifos do autor), “Esse caso também é bastante comum [...], ao ouvir as palavras do ditado o aluno as repete, sussurrando. Aí os sons se ensurdecem e, como consequência, vem a troca de letras. Veja alguns exemplos: ‘**cheito**’ por **jeito**, ‘**cato**’ por **gato**, ‘**papa**’ por **baba**”. Neste caso, percebemos que T4 fala “Chuquira” referindo-se à “juquira”,



porém entendemos que o fenômeno da mudança de som /ch/ ao invés de /j/ ocorre com a nossa entrevistada.

O som de /l/ palatal no final das sílabas também é bastante comum na pronúncia de palavras de pessoas do sul do país. Redel e Martiny (2016, p. 205) mostram em suas pesquisas que esta troca ocorre “[...] em dialetos do sul do Brasil [...]”. Palavras como em T1 “fatal”, T2 “Brasil” e T4 “difícil” são pronunciadas com este /l/ palatal bem marcado. Sendo que, em outras regiões, o que se nota é a troca de /l/ por /u/ nestas mesmas palavras.

No *corpus* analisado aparece também a nasalização. Neste caso, conforme Redel e Martiny (2016, p. 205), “[...] há a ocorrência de “non”, substituindo o ditongo nasal – ão por –on”. Em T1, “non” ao invés de “não”; em T3, “macaron” e “alemon” e não “macarrão” e “alemão” e em T4, “mon”, “enton” e “non” ao invés de “mão”, “então” e “não”, respectivamente.

Esta análise fonológica mostra as regularidades e mudanças que as línguas de contato ou dialetos, aqui especificamente variedades do alemão, provocam na maneira de pronunciar as palavras em diferentes situações.

Variação morfológica

A morfologia é o estudo da estrutura, da formação e da classificação das palavras. Quando ocorre alguma mudança neste nível dizemos que houve Variação Morfológica. A morfologia compreende as dez classes de palavras da Língua Portuguesa. Ou seja, verbo, advérbio, pronome, artigo, numeral, substantivo, preposição, adjetivo, conjunção, interjeição e tudo o que se refere a elas. França, Ferrari e Maia (2016, p. 95) nos dizem que “[...] a variação morfológica é [...] inerente a toda e qualquer língua, refletindo aspectos linguísticos e socioculturais relevantes, bem como diferenças interculturais”.

Ao falar sobre variações regionais, Gorski e Coelho (2009, p. 77) afirmam que as mesmas ocorrem em todos os níveis linguísticos e exemplificam que “no plano morfológico – o sufixo derivacional –(z)inho agregado à palavra *pai* resulta em *pinho* na Bahia e *paizinho* nas demais regiões do Brasil”. Bagno (2007, p. 40, grifos do autor),



ao analisar esta mesma variação, diz-nos que “as formas PEGAJOSO e PEGUENTO exibem sufixos diferentes para expressar a mesma ideia”.

Analisando os excertos “eles falava”, “eles falavu”, “eles tinha”, percebemos que na fala de T4 há supressão de morfemas no final das palavras pronunciadas por ela. Por isso identificamos aqui a variação morfológica, considerando que as desinências de número **-m** em “falavam”, “tinham”, não são empregadas, pois a mesma apresenta as variações “falava” e “tinha” e pelo contexto – pronome “eles”, terceira pessoa do plural – observa-se a variação.

Em “nois falava”, fala de T4, também verificamos variação morfológica, pois não há a desinência de número **-mos**, de primeira pessoa do plural, conforme indica o pronome pessoal de primeira pessoa do plural.

Na frase de T4 “Aqui eles falava *tô plefadu*” vemos que a palavra “estou” se transformou em “tô”. Neste caso, a raiz do verbo “estar” foi modificada e esta é uma marca característica de muitos falantes, não somente de descendentes de alemão.

Analisando o vídeo, com a fala de T2, observamos que ela utiliza a expressão “eu vou cantá”, ao invés de “eu cantarei”, por exemplo, para indicar futuro, mostrando que a variação morfológica ocorre ao optar pela locução verbal “vou cantá”.

T1, ao se referir ao mosquito da dengue, fala “picadura” e não “picada”, que é mais recorrente. Os diferentes sufixos **-a** e **-ura**, na formação das palavras, evidencia também a variação.

Variação sintática

A sintaxe é a parte da gramática que estuda a disposição das palavras nas frases e das frases no discurso. Sujeitos e tipos de sujeitos, predicados, adjuntos, orações, períodos compostos por coordenação, subordinação. Todo este universo faz parte da sintaxe e, consequentemente, tudo que modificar esta organização constituída é variação sintática. Gorski e Coelho (2009, p. 77, grifos das autoras) afirmam que ocorre variação “no plano



sintático – a posposição da negação como em *vou não* é típica do nordeste, a dupla negação como em *não vou, não* é comum no sudeste (especialmente no Rio de Janeiro), e a anteposição da negação como em *não vou* é preferida no sul”. Já Bagno (2007, p. 40, grifos do autor) nos indica que esta variação é a “mudança na ordem das palavras na frase e a função que elas ocupam na mesma”. E cita como exemplo:

[...] nas frases UMA HISTÓRIA QUE NINGUÉM PREVÊ O FINAL/
UMA HISTÓRIA QUE NINGUÉM PREVÊ O FINAL DELA/ UMA
HISTÓRIA CUJO FINAL NINGUÉM PREVÊ, o sentido geral é o
mesmo, mas os elementos estão organizados de maneiras diferentes.

Mas não é só isso. Na sintaxe temos regras de concordância, ou seja, desde sempre o sujeito concorda com o predicado. Assim, quando há uma mudança nesta estrutura, dizemos que há variação linguística.

Deste modo, nos excertos “eles falava”, “eles falavu”, “eles tinha”, de T4, além de variação morfológica, evidenciada anteriormente, também há variação sintática porque o sujeito “eles” está no plural e os núcleos dos predicados “falava, tinha” estão no singular.

A expressão de T2 “eu vou cantá” também é variação sintática porque muda a ordem dos elementos na frase.

Varição morfossintática

São as variações sintáticas e morfológicas que ocorrem ao mesmo tempo na fala das pessoas. Bagno (2007, p. 132, grifos do autor) esclarece que “[...] existe um nível mais profundo de variação linguística que em geral é pouco abordado: a **variação morfossintática**, ou seja, os usos diferenciados que cada grupo social faz dos *recursos gramaticais* da língua”.

A expressão “a gente” usada por T2, T3 e T4 no sentido de substituição do pronome pessoal, de terceira pessoa do singular, “ele”, com a concordância verbal

relacionada à expressão, como ocorre em T4 “a gente falava”, “a gente tinha”; T2 “a gente mora”; e T3 “a gente adorava”, evidencia a variação morfossintática. São variações morfológicas porque alteram a forma e a classe das palavras (ele-a gente) e sintáticas porque mudam a classificação de sujeito e a transformam, pois se estabelece uma nova concordância entre sujeito e predicado.

Pensando neste processo e considerando que estamos em sala de aula, entendemos que se faz necessário e urgente realmente uma reeducação sociolinguística, pois, conforme Bagno (2007, p. 133, grifos do autor), “o paradigma verbal que ainda vem estampado nas gramáticas normativas [e nos livros didáticos] não corresponde a absolutamente *nenhum* dos muitos usos da língua [...]”.

Variação lexical

O léxico é composto por todas as palavras que compõem um idioma. No caso da língua portuguesa, conforme Ferrarezi Jr. e Carvalho (2015, p. 185, grifo dos autores), “O livro que define a forma correta de escrita de uma palavra é o *Vocabulário ortográfico de língua portuguesa*”, editado pela Academia Brasileira de Letras. Vale ressaltar que, para os autores, a “forma correta” refere-se à norma-padrão do português brasileiro.

Por sua vez, a variação lexical se configura, de modo geral, quando palavras diferentes significam a mesma coisa. Gorski e Coelho (2009, p. 77) exemplificam esta variação afirmando que “no plano lexical – as palavras “pandorga, papagaio e pipa” marcam diferenças regionais entre os falantes”. E Bagno (2007, p. 40, grifos do autor), sobre este tema, afirma que “as palavras MIJO, XIXI e URINA se referem à mesma coisa”.

Em nosso *corpus*, encontramos algumas palavras que, segundo T4, eram usadas no Rio Grande do Sul onde a mesma morava antes de mudar para Mato Grosso. As mudanças lexicais são apontadas pela entrevistada quando esta afirma que no sul havia as formas “capoera”, “terneru”, “potreru” e “sem dinheru” e que, aqui no Mato Grosso, encontrou as formas “chuquira”, “bezeru”, “pastu” e “plefadu” para se referirem



respectivamente à mesma coisa. Muitas são as mudanças lexicais que encontramos na língua. E essas variações nos fazem ver o quão rico é o nosso idioma.

Variação discursiva

A variação discursiva é um recurso linguístico usado para manter a conversação, pedir ao outro, por exemplo, confirmação de fala, pedir atenção, e é perceptível praticamente em todos os falantes. De modo geral, conforme Gorski e Valle (2016, p. 84), as variações discursivas atuam como “requisitos de apoio discursivos” ao diálogo. Este recurso é usado tanto na fala quanto na escrita. As mesmas autoras (*idem, ibidem*) esclarecem que

Ainda no âmbito da sociolinguística variacionista, o termo *discurso* tem sido utilizado com diferentes acepções: pode se referir à organização da linguagem acima da sentença, remetendo à ideia de texto, e/ou pode remeter ao uso linguístico na interação, envolvendo também aspectos pragmáticos.

No entendimento dessas autoras (2016, p. 81), a variação discursiva é “[...] o processo que envolve fenômenos variáveis no nível discursivo tomados como objeto de análise, bem como condicionamentos de natureza discursiva”. Do mesmo modo, Gorski e Coelho (2009, p. 77) mostram que “[...] no plano discursivo – facilmente associamos o “bah” ao gaúcho, “ôrra meu” ao paulista, o “me’rmão” ao carioca, o “pronto” ao nordestino, e assim por diante”.

Esta variação se desenvolve de modo distinto e em diferentes regiões. Em nosso *corpus* encontramos alguns termos que indicam a variação discursiva. T4 se utiliza das palavras “Enton”, “daí” e “assim”, para marcar na oralidade seu discurso. T1 utiliza a palavra “padau” para indicar enfaticamente que o mosquito da dengue pica.



Considerações finais

Estudar as variações linguísticas nas falas das pessoas é um processo complexo. As conceituações de Marcos Bagno (2007) e as de Gorski e Coelho (2009), dentre outras, nos auxiliaram muito neste caminho do aprender. Neste contexto, percebemos que o povo alemão vive no Brasil desde 1818 e desde que chegou influencia nossa forma de falar, de comer e viver. Nas falas dos descendentes que analisamos, apreendemos variações fonético-fonológicas, sintáticas, morfológicas, morfossintáticas, lexicais e discursivas que apresentam nas estruturas linguísticas, contudo, algumas dessas variações são encontradas nas falas de muitos outros falantes, de outras etnias e culturas.

As condições de imigração, a chegada em condições precárias, a difícil adaptação ao novo lar não tiraram o espírito de luta deste povo, que, mesmo nas adversidades, cresceu, manteve suas origens, sua religião, seus valores. Vemos suas influências na arquitetura, na linguagem, na organização de associações, na criação de universidades, na organização de festas, e, deste modo, mostram o quão importante foram para a constituição do Brasil.

As marcas estão por toda parte, do extremo sul ao extremo norte e além fronteiras. Como exemplos, temos o Parque Aldeia do Imigrante, Nova Petrópolis – RS; os grupos folclóricos espalhados por vários estados; a Estação Ferroviária de Joinville – SC; as belezas de São Leopoldo – RS, considerado o berço da imigração alemã; o Pórtico de Gramado – RS; a Cachaçaria Berwanger, Estrela – RS; a Igreja Evangélica de Novo Hamburgo – RS, um marco na vida deste povo religioso e forte; o Clube Concórdia, Curitiba – PR, mostrando características como a dança, a música, os cantos de coral; o Castelinho, em Canela – RS, com sua beleza arquitetônica. As marcas da língua e da cultura, portanto, estão arraigadas em nós e auxiliam na identificação do povo brasileiro com adjetivações, tais como, povo trabalhador e religioso, apaixonado por festa, futebol, comida e cerveja.



Referências

- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.
- BOULOS JUNIOR, Alfredo. **História**: sociedade e cidadania. São Paulo: FTD, 2013.
- FERRAREZI JR, Celso; CARVALHO, Robson Santos de. **Produzir textos na educação básica**: o que saber, como fazer. São Paulo: Parábola, 2015.
- FRANÇA, Aniela Importa; FERRARI, Lilian; MAIA, Marcus. **A linguística no século XXI**: convergências e divergências no estudo da linguagem. São Paulo: Contexto, 2016.
- GORSKI, Edair Maria; VALLE, Carla Regina Martins. Variação Discursiva: procedimentos metodológicos para delimitação do envelope de variação. In: FREITAG, Raquel Meister Ko; REVERO, Cristine Gorski; GORSKI, Edair Maria (Orgs.). **Sociolinguística e política linguística**: olhares contemporâneos. São Paulo: Blucher, 2016.
- GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. **Working Papers Linguístico**. 10, p. 73-91. Florianópolis, jan. jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/10749/12002>. Acesso em: 20 nov. 2016.
- HORA, Dermeval. **Fonética e fonologia**. 2014. Disponível em: http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/fonatica_e_fonologia_1360068796.pdf. Acesso em: 14 jun. 2016.
- HORA, Dermeval da. AQUINO, Maria de Fátima S. Da fala para a leitura: análise variacionista. **Alfa**, São Paulo, 56 (3): 1099-1115, 2012.
- KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica on-line. Porto Alegre: Penso, 2014.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- OLIVEIRA, Marco Antonio. **Conhecimento Linguístico e Apropriação do Sistema de Escrita**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.
- OTHERO, Gabriel de Ávila. Processos fonológicos na aquisição da linguagem pela criança. **ReVEL**, v. 3, n. 5, 2005.
- REDEL, Rosângela; MARTINY, Franciele Maria. Performance humorística: a produção de um estereótipo de falante alemão-rondonense. 2016. Unisinos. **Calidoscópio**, vol. 14, nº 2, mai/agos. 2016. p. 199-208. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscópio/article/view/cld.2016.142.02>. Acesso em: 20 nov. 2016.
- SEYFERTH, Giralda. **Identidade étnica, assimilação e cidadania**: a imigração alemã e o estado brasileiro. 1993. Trabalho apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 7 • Número 20 • Novembro/Fevereiro 2017

Caxambu, MG, 22-25 de outubro de 1993. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm. Acesso em: 21 nov. 2016.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2013.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

YOUTUBE. *Vila Sésamo*: Língua Alemã. Postado em 25 de novembro de 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RKUMzbFXda8>. Acesso em: 20 nov. 2016.

YOUTUBE. **Willmutt contra a dengue**. Postado em 15 de março de 2008. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MmMhORxm_MM. Acesso em: 20 nov. 2016.

Recebido Para Publicação em 11 de maio de 2017.

Aprovado Para Publicação em 21 de junho de 2017.